

Caxias do Blues – A história do Mississippi Delta Blues Festival¹

Alana BOF²

Franciele ARENHARDT³

Karina CATUZZO⁴

Naira ALBUQUERQUE⁵

Marcell BOCCHESI⁶

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS

RESUMO

O documentário *Caxias do Blues - a história do Mississippi Delta Blues Festival* mostra a história e as motivações da realização desse Festival de Blues no município de Caxias do Sul, considerado, hoje, o maior festival do gênero no Brasil. Com a utilização de um trabalho de pesquisa histórica, de entrevistas e da cobertura da edição de 2015 do evento, esse radiodocumentário apresenta ao ouvinte não somente a história do blues e do evento, mas também a importância das trocas culturais. A pesquisa demonstrou o crescimento do Festival e o fortalecimento da ligação entre a cidade de Caxias e o blues. O programa foi produzido na disciplina de Radiojornalismo 2, do curso de Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul e faz parte da série Arquivo UCS – Memórias da Serra Gaúcha.

PALAVRAS-CHAVE: Radiojornalismo; documentário; cultura; blues; Caxias do Sul.

1 INTRODUÇÃO

Caxias do Sul, localizada na Serra Gaúcha, é considerada por muitos a terra da Festa Nacional da Uva. Com aproximadamente 474 mil habitantes ⁷, a sua agricultura e

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio.

² Aluna-líder do grupo e estudante do 9º semestre do Curso de Jornalismo da UCS, e-mail: ambof@ucs.br

³ Estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo da UCS, e-mail: fapereira2@ucs.br

⁴ Estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo da UCS, e-mail: kcrodrigues@ucs.br

⁵ Estudante do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UCS, e-mail: nralbuquerque@ucs.br,

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Centro de Ciências Sociais da UCS, e-mail: mbocches@ucs.br

⁷ Estimativa do IBGE para o ano de 2015 disponível em cidades.ibge.gov.br

a sua forte indústria metal mecânica fazem com que a cidade tenha a segunda maior economia do Rio Grande do Sul ⁸.

Sendo uma cidade industrial que tem o trabalho como principal alicerce, Caxias nunca foi, historicamente, um polo cultural. Apesar disso, algumas iniciativas começaram a alterar esse cenário a partir dos anos 2000, fazendo com que o município fosse, aos poucos, abrindo suas portas para variadas formas de expressão artística e cultural.

Um desses acontecimentos transformadores que tornaram Caxias uma cidade mais cultural foi a escolha da cidade para sediar o que viria a se tornar o maior festival de blues do país. Em 2008, o Mississippi Delta Blues Festival aterrissou na cidade, sendo consagrado também como um dos maiores eventos do estilo na América Latina. Muito parecido com os grandes festivais norte-americanos, o MDBF, como é conhecido pela população, cresceu muito e tornou-se uma opção de lazer, além de trazer um grande movimento turístico e econômico para a cidade serrana.

A diversificação cultural trazida pelo festival, por meio do *blues*, quebrou paradigmas e mostrou que a cidade tem plenas condições de receber os mais variados tipos de cultura. Em 2015, o MDBF abrigou mais de 12 mil pessoas ⁹, durante seus três dias. Tudo isso confirma que o encontro é mais do que um simples festival de música, é uma celebração do blues e da diversidade cultural. Sendo assim, um registro deste evento e dos que dele fazem parte, com múltiplas vozes, aprofundamento da história do blues e sua disseminação pelo mundo até chegar em Caxias se mostra não somente válido, como necessário.

2 OBJETIVO

Com a ideia de expor os movimentos de inserções culturais, cada vez mais intensos no mundo moderno, o documentário radiofônico *Caxias do Blues – A história do Mississippi Delta Blues Festival* busca demonstrar como o município de Caxias do

⁸ Produto Interno Bruto dos Municípios/2012 – Fundação de Economia e Estatística (FEE) em conjunto com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) disponível em cidades.ibge.gov.br

⁹ Dados disponíveis no site mdbf.com.br

Sul se tornou cenário nacional para um gênero musical tão diferenciado dos estilos considerados mais populares na cidade.

O documentário foi criado baseando-se em dados disponíveis no site do evento, em páginas da web especializada em blues e entrevistas com idealizadores, artistas e participantes do evento, com a finalidade de contar a história do maior festival de blues do Brasil.

Pretendeu-se também mostrar esse intercâmbio feito por meio da cultura. Explicitar como um estilo musical do interior dos Estados Unidos chegou e popularizou-se em uma cidade do interior do Brasil, dando corpo a um dos maiores festivais de blues de toda América Latina. Procurou-se, assim, demonstrar as vantagens do intercâmbio cultural.

Seguindo a ordem cronológica dos fatos, procurou-se contar a história do *blues* no mundo e no Brasil, em seguida remetendo o blues à cidade de Caxias do Sul e à origem do Mississippi Delta Blues Festival. Além disso, foi feita a cobertura da edição de 2015 do Festival, com a captação das entrevistas no decorrer do evento. Isso serviu para dar ao documentário a característica própria do rádio de estar no local dos acontecimentos.

3 JUSTIFICATIVA

Em uma região colonizada principalmente por imigrantes italianos, a população de Caxias sempre foi muito ligada às tradições. Com a globalização e a evolução tecnológica, alguns ritmos musicais popularizados nacional e internacionalmente também ganharam campo na cidade, a exemplo do rock, do pop, da música popular e do sertanejo universitário. Toda essa troca cultural se tornou ainda mais intensa com a evolução tecnológica e dos meios de comunicação. Porém, os gêneros internacionais menos famosos, como o blues, não tinham grande popularidade no município até os anos 2000.

No entanto, com a chegada de um bar específico do gênero e, mais tarde, de um festival dedicado ao blues, Caxias do Sul mostrou que estava aberta e preparada para receber novas culturas. Como explica Jayme Paviani (2007), as relações culturais

transformam o homem, as culturas se integram e mesmo o que é regional pode ter significado universal.

É o que se afirma quando se diz que a cultura autêntica, verdadeiramente assumida pela consciência social, possui ao mesmo tempo raízes locais e significados universais. Em síntese, as relações culturais trazem consigo as marcas do grupo e da época. São essas marcas que instauram o sentido individual e universal da existência humana. (PAVIANI, 2007, p.75)

Foi isso que se buscou comprovar no decorrer do documentário. Recuperou-se a história do blues, das origens nas lavouras de algodão dos Estados Unidos à popularização nos bares de Chicago, até ganhar o mundo e chegar a uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Apesar de ser uma expressão cultural da região do delta do rio Mississippi e representar o sofrimento e os sonhos dos negros escravizados nas lavouras americanas, as significações do blues como expressão cultural podem ser universais. É o caso em que uma música regional torna-se representação de um sofrimento comum a diversos grupos humanos, como os negros escravizados em todo o mundo e até mesmo os imigrantes europeus que, sem dinheiro, vieram para o sul do Brasil e tornaram-se escravos do trabalho, para conseguir sobreviver em uma terra até então desabitada.

O documentário, portanto, justifica-se pelo fato de trazer mais do que o registro do Festival de Blues e sua história, trazendo também à tona a importância e benefícios trazidos pelas trocas culturais. O tempo de produção e a possibilidade de desenvolver um material mais extenso que o habitual possibilita, no documentário, que o assunto seja abordado em profundidade trazendo temas ainda mais amplos do que o fato em si. Como afirmou Ferraretto sobre a função do documentário radiofônico: “Trata-se, de fato, de um espaço nobre dentro da programação, um algo mais para além do tratamento cotidiano de acontecimentos, opiniões e serviços.” (2014, p.225). Apesar de comum em rádios da Europa, o gênero documentário tem pouco espaço no mercado radiofônico brasileiro.

Pensou-se no rádio como ferramenta para registrar a história do Festival e das pessoas ligadas a ele, principalmente, ao considerar que é um evento de música. O presente trabalho mesclou os depoimentos dos personagens com trilhas características de cada época e momento retratado, dando mais importância ao registro sonoro do que

ao visual, aproveitando-se ao máximo da característica do rádio de possibilitar ao ouvinte a criação e vivência de experiências sensoriais únicas por meio do som. Buscou-se seguir a recomendação de Chantler e Haris (1998) com a utilização de múltiplos recursos sonoros “(...) há sons muito mais importantes do que palavras. Essa é a essência do documentário. Use todos esses recursos e seu documentário será memorável.” (1998, p.166).

É a união desses recursos com uma intensa pesquisa histórica e depoimentos relevantes, a maioria deles captados no “calor” do momento, durante o Festival, que constroem a essência desse documentário radiofônico.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS

O rádio possibilita, por meio de uma memória plástica, a criação de uma realidade imagética através do que é ouvido, permitindo ao espectador uma vivência sensorial única que outros meios não alcançam. Para que tal objetivo seja alcançado, é preciso que todos os recursos técnicos utilizados sejam minuciosamente analisados e escolhidos de forma criteriosa. Para Ferraretto:

Em geral, ao pensar um produto radiofônico, considera-se a possibilidade de utilizar inserções sonoras dentro de uma estrutura na qual predomina uma descrição e/ou uma narração de um jornalista ou radialista. Essas inserções são normalmente: (1) as ilustrações ou sonoras, que trazem registros com a voz de terceiros; (2) as trilhas, termo genérico utilizado em rádio para indicar qualquer conteúdo musical, à exceção de canções veiculadas na íntegra; e (3) os efeitos sonoros, atuando de modo concreto, ao evocar sons reais, ou abstratos, criando novos significados sensoriais. (FERRARETTO, 2014, p.194).

O documentário *Caxias do Blues* apropriou-se ao máximo dessas características para oferecer ao ouvinte, por meio do uso de vozes e outros recursos sonoros como trilhas e som ambiente, a vivência do espetáculo que é do Mississippi Delta Blues Festival. Buscou-se, por meio das trilhas e a da construção textual, criar uma contextualização histórica e de meio.

Em consonância com o objetivo norteador, o documentário é composto por dois narradores, que alternam entre a apresentação dos entrevistados e informes históricos do evento. Entende-se que as duas vozes trazem leveza ao texto, oferecendo cadência e uma leve sensação de conversação, que procura transmitir ao consumidor do

documentário a impressão de uma conversa quase que em tom informal. A correta utilização da voz em um documentário radiofônico se caracteriza como um importante recurso de ambientação do ouvinte.

Para colaborar com a sensação de estar conectado ao evento e trazendo a vivência da experiência, as entrevistas foram captadas diretamente no local dos shows durante os dias do festival. Dessa forma, o áudio ambiente, além de contextualização, oferece ao ouvinte a sensação de presença no Festival. É como se o próprio ouvinte estivesse no local, sentindo todas as vibrações emitidas por um evento dessa magnitude.

A fim de tornar o processo ágil e móvel, os áudios foram captados com smartphones. No desenrolar das entrevistas, percebeu-se que isso auxiliava na desenvoltura dos entrevistados, que não se sentiam constrangidos pela presença de um microfone mais tradicional. Nesse ponto, cabe citar a entrevista feita com o músico Andy Serrano, que chegou a fazer alguns solos de harmônica durante a entrevista.

O modo de apresentação do enredo também merece ser citado quando se fala nos métodos utilizados. Logo na abertura do programa, ao apresentar o *blues*, objeto de estudo, optou-se por trazer a narrativa na terceira pessoa do singular, usando recursos do jornalismo literário, dando ao estilo musical prestígio de *persona* para assim, além de inserir o assunto de forma intimista, transmitir a importância que tem o estilo musical a alguns de seus seguidores.

Antes de apresentar o Festival propriamente dito, os produtores preferiram a escolha de uma contextualização histórica que caminha do macro para o micro. O nascimento do estilo, seguido por alguns de seus principais representantes, afunilando para o surgimento do *blues* no Brasil e sua posterior aparição em Caxias do Sul, para só depois dar lugar ao surgimento e características do Festival em Caxias do Sul. Optou-se por essa forma, levando em consideração o pressuposto de acessibilidade do conteúdo, assim o documentário poderia ser consumido por diferentes públicos sem que se perdesse a capacidade de decodificação da mensagem, mesmo para aqueles que, até então, pouco ou nada conheciam sobre o assunto.

Como não só de oralidade pode ser construído um bom documentário, as trilhas, que permeiam toda a extensão do produto, foram objeto de destaque durante a produção. Para Ferraretto “(...) a linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana (em geral, na forma da fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si”. (2014, p.32). Para essa combinação, a escolha

das trilhas levou em consideração dois pontos: ser fonte de arquivo histórico como exemplo do estilo e, no desenrolar do enredo, servir de informação complementar (estética) fazendo um link com alguma citação trazida pelos locutores ou por algum entrevistado. Conforme explicitado por Balsebre (2005) é preciso atentar tanto para a informação semântica, de sentido mais direto, quanto a estética, com significado mais subjetivo.

Para a eficácia da mensagem é também necessário um equilíbrio entre informação estética e semântica, pois ambas representam, de forma mais completa, a polissemia que abrange toda a produção de significado e sua interpretação em um contexto significativo. (BALSEBRE, 2005, p.328)

Procurando atentar a essas determinantes foram inseridas, como trilhas, interpretações de grandes clássicos do blues, eternizados por artistas como Muddy Waters, B.B. King e Mr. Collins, e trilhas explicativas como o solo de harmônica Andy Serrano e a música inspirada e dedicada ao festival.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O documentário *Caxias do Blues* é composto por depoimentos de doze pessoas que, de diferentes formas e em diferentes edições, fizeram parte do festival. Algumas das vozes enriquecem o documentário não somente por sua relação histórica com o evento, mas por sua ligação afetiva ao Festival. A importância da utilização de múltiplas vozes é destacada por José

(...) o tema está distribuído em aspectos representados pelas muitas e variadas vozes das sonoras, que participam do tema com suas lembranças e recordações, com suas opiniões e gostos, expondo-se independentemente de qualquer fato. (JOSÉ, 2003, p.8)

Contou-se com uma ampla diversidade de fontes, como o fundador do evento, Toyo Bago, organizadores, artistas contemporâneos da música e da arte, além de fãs assíduos. As gravações dos depoimentos possuem, em parte, som ambiente, que são somados às trilhas características do *blues*, pois, conforme explica José “(...) o documentário jornalístico descobriu o uso das trilhas para compor um ambiente para os textos locutados.” (2003, p.9). Além disso, resgatar as informações históricas e contextualizar cada depoimento em seus momentos e relevância dentro do evento foi uma preocupação constante.

A produção e a gravação do trabalho se desenvolveram ao longo do segundo semestre de 2015. Com duração de 25 minutos e 39 segundos, o documentário foi realizado na disciplina de Radiojornalismo 2, ministrada pelo professor Marcell Bochese. Os depoimentos das entrevistas foram colhidos no ambiente do próprio evento ou no Bar Mississippi, um dos palcos inseridos no Festival.

A pós produção, com a gravação dos textos locutados e a edição do programa, foi feita no Centro de Teledifusão Educativa, da Universidade de Caxias do Sul, com o auxílio dos técnicos de áudio Miguel Zamboni e Isadora Lopes.

6 CONSIDERAÇÕES

Com esse documentário buscou-se oferecer um produto radiofônico de qualidade que registrasse não somente um grande evento de música do Brasil, mas também como se dá um processo de inserção e intercâmbio cultural em um evento de música. Sendo um formato do gênero interpretativo que, segundo Ferraretto (2000), é “uma ampliação qualitativa das informações a serem repassadas ao público” (p. 201), o documentário se mostrou como a forma mais adequada para abordar o tema em profundidade. Por meio da união entre pesquisa e depoimentos, criou-se também um registro que ficará amplamente disponível para pesquisas na área do blues e da cultura.

Entende-se que o documentário possa proporcionar uma experiência rica tanto no sentido histórico, servindo como um compilado único de um festival de extrema importância para a cena musical de Caxias do Sul, quanto como uma vivência músico-social por parte do ouvinte. Seguindo a ideia de José (2003), transformou-se o fato, o acontecimento Festival de Blues, em um tema muito mais amplo: a história desse estilo musical e as identificações culturais entre os diversos povos.

O documentário, como o gênero que complexificou a reportagem, dota o fato de generalidade, transformando-o em tema; a documentação da notícia é multiplicada, porque não se reduz aos componentes do lead, e cada documentação pode se tornar um aspecto do tema. (JOSÉ, 2003, p.6).

Sendo assim, o produto atende aos conceitos básicos de um documentário, sendo um formato que possibilita o aprofundamento de um tema e também é fonte de entretenimento.

REFERÊNCIAS

BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

JOSÉ, Carmen Lúcia. **História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências**, disponível em

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145185019480437496212725724011017755860.pdf>, 2003.

PAVIANI, Jayme. **Cultura, humanismo & globalização**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007